



## RISO E EDUCAÇÃO. UMA DIALÉTICA TRANSGRESSORA

Clara R. Cruz Gomes<sup>1</sup>

### RESUMEN:

*RISA Y EDUCACIÓN.  
UNA DIALÉCTICA TRASGRESORA*

*Esta es una proposición para procurar una reflexión sobre el valor pedagógico de la risa y sus posibles implicancias en las prácticas educativas. Se utilizará un lenguaje audiovisual y se discutirán las imágenes de la película "El nombre de la rosa". A partir de la prohibición de la risa, reflejada en este film, se hará una breve historia de ella y de su actualidad.*

**Palabras claves:** educación, cultura, imagen, cine, práctica educativa.

### ABSTRACT:

*LAUGH AND EDUCATION.  
A TRANSGRESSIVE DIALECTIC*

*This is a proposition to reflect on the pedagogical value of laughing and its probable implications on educational practices. Audiovisual language will be used and some images of the film "The name of the rose" will be discussed. Starting with the prohibition of laughing, which is reflected in this film, both a short history of it and its place at the present time will be exposed.*

**Key words:** education, culture, image, cinema, educational practice.

**RESUMO:** *A proposta é provocar uma reflexão sobre o valor pedagógico do riso e as possíveis implicações nas práticas educativas. Será utilizada a linguagem audiovisual. A partir da proibição do riso, refletida nesse filme "O nome da rosa"<sup>2</sup> será estudada uma breve história do riso e a sua atualidade.*

**Palavras chaves:** educação, cultura, imagem, cinema, prática educativa.

**A**o longo da história, o riso, em alguns momentos será desprezado e em outros, bem acolhido, dependendo da rigidez da sociedade. Quando a época é muito séria e rígida, haverá um desprezo ao riso. Para Minois, na Idade Média, a visão cômica foi excluída do domínio sagrado e tornou-se a característica essencial da cultura popular que evoluiu fora da esfera oficial. Bakhtin defende a contestação subversiva da cultura popular cômica em sua análise sobre o carnaval. Segundo Minois, a igreja acabou tendo que aceitar as manifestações festivas do povo e criou suas próprias festas religiosas. No riso está presente um princípio da dialética e a relação dos opostos. O riso se relaciona com valores e não apresenta um caráter maniqueísta. Ele pode estar a favor das virtudes ou dos vícios, da transformação ou da manutenção da ordem. Minois acredita que vivemos, na atualidade, na *sociedade humorística* onde o humor universal, padronizado, midiático, comercializado, globalizado, conduz o planeta. A educação será o lugar para se começar a pensar sobre a dimensão coletiva e ética do riso.

<sup>1</sup> Cruz Gómez, Clara Rosa, Universidad de Brasilia, Brasilia DF, Brasil.

<sup>2</sup> *O nome da rosa*. Direção: Jean-Jacques Annaud, EUA, 1986.

O universo nasceu de uma grande gargalhada, segundo um autor anônimo de um papiro que data do século III, o papiro de Leyde.

Tendo rido Deus, nasceram os sete deuses que governam o mundo... Quando ele gargalhou, fez-se a luz... Ele gargalhou pela segunda vez: tudo era água. Na terceira gargalhada, apareceu Hermes; na quarta, a geração; na quinta, o destino; na sexta, o tempo. Depois, pouco antes do sétimo riso, Deus inspira profundamente, mas ele ri tanto que chora, e de suas lágrimas nasce a alma. (Minois, 2003, p. 21)

Esse papiro aborda que do riso nasceu os deuses, a luz, a água, o conhecimento (na figura de Hermes), a geração, o destino, o tempo e a alma o que torna curioso estudar o riso e a sua aceitação. Levando a vida com humor muda e transforma nossas posturas, nossa maneira de agir, de pensar, de sentir e de produzir conhecimento.

Na teoria clássica, *“o riso é uma manifestação de orgulho, de vaidade e de desprezo pelos outros.”* (Minois, 2003, p. 362). A teoria clássica defende a ordem, a imobilidade das instituições, dos valores e das crenças de um mundo civilizado. Por isso, é preciso controlar o riso. O riso agressivo é destruidor, fere princípios. *“A visão oficial e séria do mundo, representada pela estética clássica, insiste, ao contrário, no permanente, no estável, no identificável, no diferenciado e só vê no grotesco insulto, sacrilégio, vontade subversiva de rebaixamento.”* (Minois, 2003, p. 159). Dessa forma, o riso se comporta como movimento de desequilíbrio trazendo o caos.

O filme *O nome da rosa* retrata a proibição do riso pelo cristianismo em determinado momento da história. *“O riso distrai, por alguns instantes, o aldeão do medo. Mas a lei é imposta pelo medo, cujo nome verdadeiro é temor a Deus.”* (Eco, 1983, p. 533). Não se permitia o riso por se tratar de uma religião séria, por excelência. Quanto mais séria mais a sua inversão provocaria o riso. A violação dos tabus faria rir. Os maus zombariam de Deus. *“O riso vai se insinuar em todas as imperfeições humanas e, por isso, tornou-se diabólico.”* (Minois, 2003, p. 113). O riso seria um comportamento estritamente humano e, por isso, alheio ao mundo divino. O riso seria símbolo da decadência humana e da inversão da ordem.

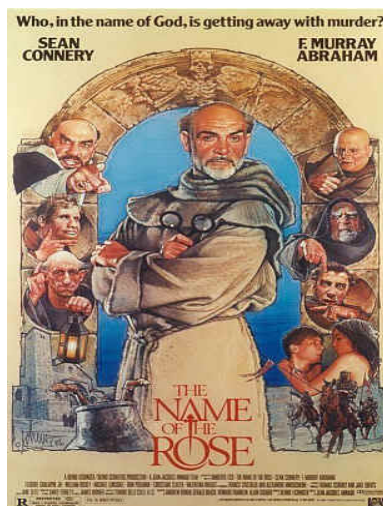


Figura 1: filme *O nome da rosa*.

A respeito do segundo livro de Aristóteles que aborda o riso, Umberto Eco escreveu que a comédia revela o conhecimento.

A comédia nasce nas Komai, ou seja, nos vilarejos dos camponeses, como celebração jocosa após um banquete ou uma festa. Não narra de homens famosos e poderosos, mas de seres vis e ridículos, não malvados, e não termina com a morte dos protagonistas. Atinge o efeito de ridículo mostrando homens comuns, defeitos e vícios. Aqui Aristóteles vê a disposição ao riso como uma força boa, que pode mesmo ter um valor cognoscitivo...de fato nos obriga a reparar melhor, e nos faz dizer: eis, as coisas estavam justamente assim, e eu não sabia. (Eco, 1983, p. 530)

Aristóteles definiu a tragédia e a comédia: *“como os imitadores imitam homens que praticam alguma ação, e estes, são indivíduos de elevada ou de baixa índole... a diferença*

que separa a tragédia da comédia: procura esta imitar os homens piores, e aquela, melhores do que eles ordinariamente são.” (Aristóteles, 1992, p. 105). A Poética de Aristóteles que discorria a respeito da comédia é retratada no filme *O nome da rosa* como uma obra proibida e que devido à Inquisição não se conseguiu recuperar.

O riso apresenta vínculo com os medos, os desejos e os sonhos dos homens. O riso esconde um imenso território de sofrimentos, de dissimulações, provisoriamente permitido. “*O riso mais profundo é aquele que desvela e detalha as inquietudes, as angústias, os desejos, os sonhos, os sentimentos perturbadores escondidos nos sentimentos dos homens.*” (Minois, 2003, p. 196)

Para Minois, na Idade Média, a visão cômica foi excluída do domínio sagrado e tornou-se a característica essencial da cultura popular que evoluiu fora da esfera oficial. A fusão entre o cômico e a seriedade cristã marca toda a religião popular medieval. “*Até o século IX tudo se limita ao grotesco com grande liberdade cômica...o regime feudal, jovem, é ainda relativamente popular e a cultura popular, muito poderosa, assume naturalmente a continuação das saturnais, ao passo que a cultura religiosa oficial é muito fraca para impor proibições.*” (Minois, 2003, p. 144)

Bakhtin defende a contestação subversiva da cultura popular cômica em sua análise sobre o carnaval. Nas formas dos ritos e dos espetáculos, Bakhtin define o carnaval como a segunda vida do povo baseada no princípio do riso. O riso carnavalesco é um riso festivo e patrimônio do povo. “*É a sua vida festiva. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e de espetáculos cômicos da Idade Média.*” (Bakhtin, 1999, p. 7)

A visão cômica de Bakhtin se liga à liberdade e à transgressão da ordem. Seria uma vitória sobre o medo do sagrado, do proibido. Os tabus são transgredidos. Há o triunfo do corpo e de suas necessidades. “*O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época.*” (Bakhtin, 1999, p. 3). Esse riso não é individual; é coletivo, social e universal. O riso provoca uma contestação social e a subversão da hierarquia. A inversão de valores provoca o riso. “*Por isso, todas as formas e os símbolos da linguagem carnavalesca estão impregnados do lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.*” (Bakhtin, 1999, p. 10). O riso de Bakhtin apresenta uma característica transgressora porque está presente um sentido de vida que propõe uma profunda transformação.

Para Bakhtin (1999), as festividades têm uma relação marcada com o tempo. Os períodos de crise, de transtorno na vida da natureza, da sociedade e do homem se relacionam com as festividades. A morte e a ressurreição constituem os aspectos marcantes da festa. Através da festa o povo penetra temporariamente no reino utópico da universalidade, da liberdade, da igualdade e da abundância. O riso atinge a todas as coisas e pessoas e, por isso, é universal. O riso é utópico porque é dirigido contra toda superioridade. A festa arranca o povo da ordem existente. Esse riso é ambivalente: alegre e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente.

Segundo Minois, a igreja acabou tendo que aceitar as manifestações festivas do povo e criou suas próprias festas religiosas. “*O mais eficaz é criar festas cristãs para substituir as pagãs... É preciso aceitar a presença do riso.*” (Minois, 2003, p. 183)

Umberto Eco também aborda sobre as festividades populares serem controladas pela igreja.

O riso é a fraqueza, a corrupção, a insipidez de nossa carne. É o folguedo para o camponês, a licença para o embriagado, mesmo a igreja em sua sabedoria concedeu o momento da festa, do carnaval, da feira, essa ejaculação diurna que descarrega os humores e retém de outros desejos e de outras ambições... mas desse modo o riso permanece coisa vil, defesa para os simples, mistério dessacralizado para plebe. (Eco, 1983, p. 532)

Minois acredita que o riso festivo passou a ser utilizado a favor do poder e da ordem vigente. O riso passou a ser integrado à vida e o sagrado ao profano. *“Na Idade Média, o riso é largamente usado a serviço dos valores e dos poderes. Mesmo quando estes são parodiados nas festas, retiram benefícios dele. O riso medieval é mais conservador que destrutivo, em seu aspecto coletivo organizado... tanto no humor profano como no humor sagrado.”* (Minois, 2003, p. 191)

Para Minois, esse riso permitido não ameaça a ordem social. Ele a reforça, demonstrando o lado grotesco e irreal de seu contrário.

O riso coletivo desempenha papel conservador e regulador... Ele reforça a ordem estabelecida representando seu oposto grotesco; exclui o estranho, o estrangeiro, o anormal e o nefasto, escarnecendo do bode expiatório e humilhando o desencaaminhado. O riso é uma arma opressiva a serviço do grupo, uma arma de auto-disciplina. (Minois, 2003, p. 174)

Minois acredita que quando o riso passa a pertencer às festas religiosas e a ser institucionalizado pela igreja e pelo poder o sentido transgressor do riso desaparece. Bakhtin não considera que desapareça a liberdade e o sentido transgressor da ordem pois nesse riso há algo em comum com a transgressão que é ir contra alguma seriedade em relação ao poder e se posicionar em relação a valores. Umberto Eco fala do perigo de se estudar a obra de Aristóteles porque pode se adquirir sabedoria e legitimar a inversão da ordem.

Não importa se durante a festa produzir-se-á na terra, a epifania do mundo ao avesso... o riso libera o aldeão do medo do diabo, porque na festa dos tolos também o diabo aparece tolo, portanto controlável. Mas esse livro poderia ensinar que libertarse do medo do diabo é sabedoria. Quando ri, ... o aldeão se sente patrão, ...este livro poderia ensinar aos doutos os artifícios argutos, e desde então ilustres, com que legitimar a inversão. (Eco, 1983, p. 533)

Ao longo da história o riso apresenta diferentes funções. O riso pode estar em benefício da transgressão da ordem ou servir ao poder. No riso está presente um princípio da dialética e da relação dos opostos. Ele perambula entre o universo do bem e do mau. Ele pode estar a favor das virtudes ou dos vícios, da transformação ou da manutenção da ordem. Em alguns momentos será desprezado e em outros, bem acolhido, dependendo da rigidez da sociedade. Quando o período histórico é muito rígido, como o relatado no filme *O nome da rosa* e na teoria clássica, haverá um desprezo ao riso. O riso vai ser proibido, rejeitado.

Minois, numa reflexão a respeito do riso, na atualidade, afirma que vivemos na *sociedade humorística*. *“O humor universal, padronizado, midiático, comercializado, globalizado, conduz o planeta... O mundo deve rir para camuflar a perda de sentido... tendo esgotado todas as certezas.”* (Minois, 2003, p. 554)

Seria a época do vazio, da descrença de valores. O riso estaria inserido em um universo do consumo midiático onde impera o efêmero e a moda. *“O novo tirano que zomba dos valores morais: o índice de audiência, ele próprio agente do Deus supremo, que é a economia.”* (Minois, 2003, p. 622)

É uma sociedade de consenso fraco tornando o riso vazio. O vigor do cômico era o contraste com o sério e com a seriedade no estado, na religião, no sagrado, na moral, no trabalho e na ideologia. Os valores estão perdendo a sua gravidade. *“O riso atual é o da morte dos deuses e dos valores, o que lhe tira toda a força corrosiva.”* (Minois, 2003, p. 621). Para o riso ter sentido e não ser vazio ele precisa estar relacionado com os valores éticos. Torna-se difícil encontrar a dimensão do riso numa sociedade em que tudo é permitido e o maior valor é o capital.

O riso aparece difundido sob forma banal. *“Um novo estilo descontraído e inofensivo, sem negação, nem mensagem.”* (Minois, 2003, p. 620). O humor aparece em todos os meios de comunicação: no jornal, na rádio, na televisão, no cinema e o seu objetivo é o consumo.

Vivemos em uma época em que a indiferença sucedeu ao enfrentamento. Nossa sociedade precisa de reinventar paradigmas para nascer um novo sentido e resgatar valores para a vida das pessoas. Há uma necessidade de encontrar um riso que traga esperança, ação e atitude. A *sociedade humorística* está propícia ao gracejo e à futilidade generalizada. *“Ninguém mais consegue chocar, a originalidade perdeu seu poder provocador, o estranhamento de um mundo onde tudo é permitido atrai sorriso passageiro.”* (Minois, 2003, p. 625). O riso se torna passageiro quando não se acredita mais em mudança e em transformação. Encontrar um novo riso seria resgatar esperanças.

A indiferença, a desmotivação da massa e a ascensão ao vazio existencial leva à extinção do riso. A coletividade está se perdendo nessa época individualista. Vivemos numa época em que o riso serve para camuflar uma aparência de estar tudo bem e sem problemas. Estamos na época do niilismo, onde se perde a dimensão do que seria verdadeiramente sério e verdadeiramente cômico. *“Se ninguém acredita em nada não faz sentido o riso.”* (Minois, 2003, p. 226). Trabalhar questões depressivas de nossa época resgatando a coletividade poderia ser uma maneira de encontrar um riso que traga às pessoas esperança e motivação para transformar e melhorar as suas vidas.

A Revolução Tecnológica traz muitos progressos para a saúde, a educação, o lazer e, também, acarreta muitas desigualdades sociais, muito desemprego e contradições no mundo neoliberal. Os países ricos comandam e são os donos das tecnologias enquanto os países pobres dependem deles e contribuem para os enriquecerem.

Segundo Martin Barbero as tecnologias aprofundam uma crise na construção de identidade, e de cultura nacional, destruindo as diferenças culturais. As tecnologias de comunicação apresentam um papel de controle social e isso leva à tendência a um só público, um imaginário transnacional fazendo com que as diferenças sejam obstáculos. *“Na América Latina a imposição acelerada dessas tecnologias aprofunda o processo de esquizofrenia entre a máscara de modernização que a pressão dos interesses transnacionais realiza e as possibilidades reais de apropriação e identificação cultural.”* (Barbero, 2004, p. 179)

Para Barbero, a sociedade está caminhando para um individualismo e a informação reduzida a consumo e mercadoria “cada qual, de acordo com suas possibilidades econômicas, poderá enclausuradamente com seus saberes e seus gostos ter acesso a tecnologia... E a demanda social vai poder ser assim confinada e reduzida à venda de informação.” (Barbero, 2004, p. 205)

O capitalismo acentua os valores individualista e consumista no mundo. Todas as grandes cidades vivem o caos da violência e no plano mundial há o caos da guerra. A redução da memória local e nacional, fruto da tecnologia, pode propiciar crise de valores e desajustes sociais. “O paradoxo seria fabuloso se não fosse sangrento: em nome da memória eletrônica nossos povos deverão renunciar a ter e acrescentar sua própria memória.” (Barbero, 2004, p. 186)



Figura 2: Filme *Ladrões de sabonete*

O filme *Ladrões de sabonete*<sup>3</sup> trata sobre a sociedade individualista, consumista e a perda de identidade cultural. O filme é sobre um diretor que passa o seu filme neo-realista sobre o período pós-guerra na televisão. A partir de uma pane que acontece no estúdio da televisão, o filme e o comerciais da televisão se misturam e o diretor quer salvar o seu filme. O riso nesse filme incomoda quando nos obriga a perceber a realidade.

As situações risíveis no filme *Ladrões de sabonete* são aquelas que nos forçam a olhar para a tela da televisão e perceber o seu duplo caráter. O que garante que o filme neo-realista em preto e branco possa ser visto na tela é a empresa que vende o produto anunciado no comercial em cores, que interrompe o filme, realizando, em estética e política, a narrativa da televisão, que não é só a do filme ou só a do comercial. Tudo acontece como se, ao lançar mão de situações risíveis, fosse possível perceber com mais clareza o capitalismo em sua autonarração naquele momento. (Coutinho, 2003, p. 95).

Nesse conflito de linguagem cinematográfica e televisiva podemos verificar o imaginário transnacional invadindo e se impondo através do consumo de produtos estrangeiros. “Se a narrativa da televisão interfere no filme e, portanto, na própria imagem cinematográfica, interfere também na manifestação do pensamento e das idéias ou, pelo menos o condiciona.” (Coutinho, 2003, p. 87). A indiferença e o individualismo da classe média que assiste ao filme sem pensar sobre o que está acontecendo nos revela “que a televisão não permite a expressão do pensamento, devido ao processo que se estabelece no interior das emissoras que são regidas pela pressão da audiência e pela urgência... são feitas para serem aceitas instantaneamente.” (Coutinho, 2003, p. 87). Laura Coutinho alerta sobre o estúdio da televisão e a educação da memória que “o estúdio é o local da memória, do artifício, da arte de transformar cenários, objetos e pessoas naquilo que, talvez, jamais seriam na vida real, mas que ali se tornam exemplos modelares da vida burguesa apregoada pela televisão... contam uma história cujo final feliz é a realização de um desejo, sempre de consumo.” (Coutinho, 2003, p. 103). O diretor não consegue salvar o seu filme e acaba aprisionado dentro dele. Esse filme cômico nos faz refletir seriamente sobre a utilização da tecnologia de nossa época.

<sup>3</sup> *Ladrões de sabonete*. Direção: Maurizio Nichetti, Itália, 1989.

Precisamos acreditar numa sociedade mais justa e trazer o sentido do riso como transgressor da ordem vigente. Para Barbero uma solução seria “*teremos de deslocar então o olhar, ou melhor, o ponto de vista, para interrogar a tecnologia a partir desse lugar outro: o dos modos de apropriação e uso das classes populares.*” (Barbero, 2004, p. 188). Seria descobrir e reforçar a dinâmica, criatividade e conflitividade, diferença e resistência entre as culturas dominadas e populares com a tecnologia.

Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, no texto, *A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas*, registra a utilização vazia do riso pela *sociedade humorística* chamada por eles de falsa sociedade. Vive-se numa *sociedade humorística* onde o riso está a serviço do consumo. Esse riso é vazio porque não é transgressor da ordem, não questiona, não critica e nem inverte valores.

Na falsa sociedade, o riso golpeou a felicidade como uma lebre e a arrasta na sua totalidade. Rir de alguma coisa é sempre escarnecer; a vida que, segundo Bérson, rompe a crosta endurecida, passa a ser, na realidade, a irrupção da barbárie, a afirmação de si que, na associação social, celebra a sua liberação de qualquer escrúpulo. A coletividade dos que riem é a paródia da humanidade... o princípio básico consiste em lhe apresentar tanto as necessidades que podem ser satisfeitas pela indústria cultural... de modo que o consumidor a elas se prenda, sempre e tão só como eterno consumidor, como objeto da indústria cultural... o divertimento promove a resignação que nele procura se esquecer. (Lima, 2000, p. 191)

Se considerarmos o conceito de aura, de Benjamin, o riso está perdendo a sua aura. “*O que se atrofia na era da reprodutividade técnica da obra de arte é sua aura.*” (Benjamin, 1994, p. 169). Nas festas populares, se vivencia um riso coletivo, seja sagrado ou profano, e a aura está presente. Quando esse mesmo riso é reproduzido pela tecnologia e entra no contexto do consumo e do individualismo, ele perde a sua aura e juntamente, com isso, o seu valor.

O riso retomando o seu modo de ser aurático recupera em sua manifestação a função ritual onde relativiza valores sagrados e profanos.

O que é de importância decisiva é que esse modo de ser aurático da obra de arte nunca se destaca completamente da sua função ritual... O valor único da obra de arte ‘autêntica’ tem sempre um fundamento teológico, por mais remoto que seja: ele pode ser reconhecido, como ritual secularizado, mesmo nas formas mais profanas do culto ao belo. (Benjamin, 1994, p. 171)

No momento em que o riso deixa de fazer parte de um ritual, perde sua autenticidade. A reprodutibilidade do riso no universo midiático transforma sua função em benefício do sistema capitalista. O riso e o lazer aparecem como mecanismo de alienação para o consumo e para vender produto. “*Mas, no momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política.*” (Benjamin, 1994, p. 172). O riso deixando de fazer parte de um ritual coletivo e indo para o terreno da tecnologia pode exercer o papel político de manutenção ou inversão da ordem dependendo de seu objetivo. Nessa época tecnológica precisamos repensar nossos valores, nossas posturas e refletir sobre a dimensão do riso para as nossas vidas.

Fazendo uma comparação entre o riso presente na educação e em diferentes épocas verificam-se muitas semelhanças. Nas sociedades e épocas autoritárias e rígidas, as escolas

acompanham essas características e não permitem o riso. O riso para essas escolas é muitas vezes considerado como perda da seriedade e do poder por parte dos educadores. As falhas e os erros para essas escolas são vistos como alvo de punição.

Escolas mais democráticas, flexíveis e com características dialógicas vão trabalhar essencialmente com a presença do riso. O riso integra os alunos, cria cooperação e motivação no aprender e o conhecimento é construído de uma forma profunda e prazerosa. O riso permite a brincadeira, a leveza, relativiza verdades e há aproximação entre alunos e professores. Paulo Freire faz uma distinção entre o humor e o apenas rir. *“O bom humor não provoca risos ou sorrisos. Ao contrário, o bom humor não faz rir tanto quanto faz pensar seriamente sobre o assunto.”* (Freire, 1986, p. 193). Para Freire o humor é importante para um educador na perspectiva dialógica porque *“o sentido de humor faz com que você ria de você mesmo.”* (Freire, 1986, p. 193). O riso permite acolher as nossas falhas e nossos erros para superá-los. Diferente desse riso existe o riso irônico. Comte-Sponville (2004) distingue a ironia e o humor. A ironia seria aquele riso que fere, mata, quer dominar e é humilhante servindo para inferiorizar o outro. O humor seria o riso que cura, ajuda a viver, liberta e é humilde. *“Ele transmuta a tristeza em alegria, a desilusão em comicidade, o desespero em alegria... Ele desarma a seriedade, mas também, por isso mesmo, o ódio, a cólera, o ressentimento, o fanatismo, o espírito sistemático, a mortificação, até mesmo a ironia.”* (Comte-Sponville, 2004, p. 234)

O professor trabalhando na dimensão do riso educa o aluno a pensar, permitindo a dialética, a relatividade de todas as coisas. O conhecimento é construído de uma forma conjunta e dialógica. A dúvida, a incerteza e o não saber são bem acolhidos. O professor desmascara a sua seriedade e a certeza absoluta das coisas. *“O riso que me interessa aqui é aquele que é um componente dialógico do pensamento sério. É um pensamento essencial da formação do pensamento sério. De um pensamento que, simultaneamente, crê e não crê, que, ao mesmo tempo, se respeita e zomba de si mesmo.”* (Larrosa, 2004, p. 170)

Para Larrosa o que acontece para que se ria tão pouco na educação é o caráter moralizante e otimista presente na educação. *“Na pedagogia moraliza-se demasiadamente. E o discurso moralizante tem um tom grave, sério... e o riso está sempre associado a uma certa tristeza, a uma certa melancolia, a um certo desprendimento. O pedagogo é um moralista otimista.”* (Larrosa, 2004, p. 171). O professor sabendo relativizar valores, desconstruir sua seriedade, permite maior espaço para a expressão do aluno em sala de aula. E mergulhando nas dificuldades, nas angústias, nos problemas, nos erros e conseguindo rir de tudo isso se pode encontrar o riso.

A importância do riso é que ele permite uma abertura para a consciência e para o ser criativo *“e é o riso que se encarrega de manter essa tensão dialógica em que a consciência se abre, se desprende e se coloca continuamente para além de si mesma.”* (Larrosa, 2004, p. 175). Essa liberdade permite inovações, descobertas e a criatividade para fazer surgir algo novo e diferente.

Larrosa enfatiza a importância do riso ser um exercício para a construção do pensamento e a desconstrução de conceitos fixados, verdades absolutas. O riso questiona toda a seriedade e tudo o que se aceita sem nenhuma dúvida. O riso destrói as certezas. No permanente questionamento da certeza se pode criar novas idéias e mudanças. O riso permite a superação sobre si mesmo.



O riso objetiva a mentira patética. Por isso, só pode entender-se em sua relação com essa mentira, com o sério que se converteu em algo pateticamente mentiroso. O que é dinâmico é a combinação de compreensão e incompreensão, de idiotice e de inteligência. O riso polemiza com o sério, entra em contato com o sério, dialoga com o sério, com essa linguagem elevada que pretende envolver o mundo e compreendê-lo e dominá-lo, com essa linguagem canonizada e aceita que não duvida de si mesma. O riso desmascara essa linguagem, retira-a de seu lugar, de seus esconderijos, a expõe a olhar como ela é, como uma casca vazia. (Larrosa, 2004, p. 178)

Larrosa aponta que o riso é perigoso. “*O riso é, certamente, ambíguo e perigoso... só na prova do perigo pode estar a verdadeira salvação.*” (Larrosa, 2004, p. 181). O perigo do riso está em sair da ordem, do controle e das regras pré-estabelecidas. O riso traz o poder de se ter pensamento próprio, criatividade e autenticidade. Isso traz instabilidade para qualquer sistema. O riso faz parte de um universo caótico.

A aura do riso pode ser retomada em escolas cujo riso se aproxime do sentido de humor dado por Paulo Freire e por Larrosa tendo um sentido profundo de provocar um pensar diferente, crítico e inovador. Acredito que a educação é o lugar para se começar a pensar sobre a dimensão coletiva e transgressora do riso. A preocupação do educador deverá ser com a motivação interna do aluno em aprender e acolhê-lo para a busca do conhecimento. É natural ao ser humano ir buscar conhecimento. Para a existência do riso na sala de aula será permitido o caos criativo, a expressão, o prazer e a alegria que são fundamentais. O riso vai se contrapor a esses ambientes educacionais muito organizados, rígidos e bem definidos.

A tarefa de educar é árdua e construída e destruída a cada dia. Deixar o hábito e a rotina e tentar sempre surpreender exige criatividade. É um grande desafio para os professores poder fazer com que os seus alunos pensem livremente e diferente deles. É também difícil trabalhar textos densos e complexos de uma forma divertida e interessante. É complicado a todos, professores e alunos, acolherem a suas dificuldades e limitações para superá-la. É difícil enxergar as dificuldades e trabalhar as nossas dores.

Eu, como palhaça, busco trabalhar a dimensão simbólica que traz essa figura. Para isso a aula sempre será um tentar se equilibrar dentro de um universo caótico e sensível. Uma das dimensões que traz o palhaço é a das pessoas poderem rir de si e saberem que são seres repletos de falhas e por isso em eterno desenvolvimento.

O riso questiona a função da escola e a faz pensar sobre a sua existência. O riso é inimigo do medo, da opressão e do massacre. O riso traz a dimensão do prazer e da leveza ao aprendizado.

Gostaria de com esse estudo trazer mais dúvidas que certezas. Eu acredito na educação dialógica, democrática, pública e de qualidade atendendo a toda população. O riso na escola faz sentido se agir, dentro dela, no rumo da busca de novos processos dialógicos de aprendizagem que tragam transformações nas relações sociais entre educadores e educandos e demais participantes da comunidade escolar, de forma a se caminhar para a melhoria da sociedade.

A mudança começa com a gente rindo da gente mesmo e sabendo que somos seres em construção, sempre tendo algo a melhorar e que na nossa finitude somos seres históricos.

Isso me lembrou um pensamento de Nietzsche que li em Larrosa: “*ante a pretensão de Deus de ser o único Deus, os deuses morreram de rir. E mais vale morrer de rir que morrer de endeusamento... mas ao morrer de rir, os deuses salvaram sua divindade enquanto que, ao morrer de endeusamento, Deus não pôde salvar a si mesmo.*” (Larrosa, 2004, p. 182)

---

## **BIBLIOGRAFIA**

- Aristóteles** (1992): *Poética*. São Paulo, Imprensa Nacional.
- Bakhtin, Mikhail** (1999): *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo, Hucitec; Brasília, Editora UnB.
- Barbero, Jesús M.** (2004): *Ofício de cartógrafo*. São Paulo, Loyola.
- Benjamin, Walter** (1994): *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense.
- Chevalier, Jean** (1999): *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- Comte-Sponville, André** (2004): *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo, Martins Fontes.
- Coutinho, Laura** (2003): *O estúdio da televisão e a educação da memória*. Brasília, Plano Editora.
- Eco, Umberto** (1983): *O nome da rosa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Freire, Paulo** (2003): *Medo e ousadia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Larrosa, Jorge** (2004): *Pedagogia profana*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Lima, Luiz Costa** (2000): *Teoria da cultura de massa*. São Paulo, Paz e Terra.
- Minois, Georges** (2003): *História do riso e do escárnio*. São Paulo, UNESP.